

# JORNAL DA FACOM

## Hospital Veterinário da UFBA sofre com deficiências



Luana Amaral | LabFoto

Pág. 08

aa  
aa  
aa  
aa

**RESIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA** • PÁGINA 04  
Estudantes reivindicam  
moradia universitária

**VETERINÁRIA** • PÁGINA 08  
Projeto educa sobre  
animais peçonhentos

**ENTREVISTA - FILOSOFIA** • PÁGINA 10  
Preguiça não é pecado

PARA NÃO SE PERDER...

ALIMENTAÇÃO  
PÁG. 03

RESIDÊNCIA  
UNIVERSITÁRIA  
PÁG. 04 E 05

DIREITO  
PÁG. 06 E 07

VETERINÁRIA  
PÁG. 08 E 09

FILOSOFIA  
PÁG. 10 E 11

BIOLOGIA  
PÁG. 12 A 14

COMUNICAÇÃO  
PÁG. 15

MUSEU DE ARTE  
SACRA  
PÁG. 16

# EDITORIAL



Luana Amaral | LabFoto

Numa cidade com sérias deficiências no atendimento à saúde das pessoas, demandar por serviços de saúde para animais parece algo irrelevante. Hoje em dia, contudo, não precisa ser vegano para reconhecer que nossos pet também têm direitos. O Brasil e os países-membros da ONU são signatários da Declaração Universal dos Direitos dos Animais, proclamada pela UNESCO em 1978. Todavia, vale lembrar que muitas das enfermidades adquiridas por crianças e adultos provêm do contato com animais doentes. As ações do município limitam-se à vacinação e castração de cães e gatos, e nem sempre esses serviços estão disponíveis a toda população. Quem mais sofre com esta situação são as famílias mais pobres, que não têm como pagar por atendimento em clínicas privadas. Por isso, a reportagem do JF mostra a situação do único hospital público de Salvador que atende bichos de estimação e também grandes animais, o Hospital Veterinário da UFBA, que merece mais atenção.

Boa leitura.

## ERRAMOS

Nadja Vladi, entrevistada na edição passada, foi repórter na Veja local e editora do site IGuais, uma parceria da ong Cipó com o portal iG.

## EXPEDIENTE

Produção da disciplina Oficina de Jornalismo Impresso, do 3º semestre - Segunda edição, ano 2012

**Reitora:** Dora Leal Rosa

**Diretor da Facom:** Giovandro Ferreira

**Coordenação Editorial:** Graciela Natansohn-DRT/BA 2702

**Chefe de redação e revisão:** Carlene Fontoura

**Edição de fotografia:** Lara Perl - LabFoto

**Projeto Gráfico:** Amanda Carrilho e Gabriel Cayres

**Diagramação:** Amanda Carrilho e Gabriel Cayres

**Repórteres (turma 2012.1)**

Adrielle Souza, Agnes Cajaiba, Alles Alves, Alexandre Wanderley, Carol Prado, Daniel Silveira, Dudu Assunção, Edvan Lessa, Fábio Archanjo, Fabrina Macedo, Gislene

Ramos, Guilherme Alves, José Calazans, Júlia Belas Lara Bastos, Lara Maiato, Lara Perl, Luana Amaral, Luiz Fernando Teixeira, Marília Cairo, Rafael França Tais Bichara, Tamires Tavares, Thais Motta, Tiago do Nascimento, Val Benvindo.

**Contato:** jornaldafacom2012@gmail.com

**Foto de capa:** Luana Amaral

**Distribuição gratuita**



Thamires Tavares

## Uma coxinha e um refri, por favor!

### Lanche rápido é opção mais viável de alimentação na Universidade

**Thamires Tavares**  
**Tiago do Nascimento**

Com horário apertado, engarrafamentos e transporte público deficiente não sobra muito tempo para almoçar em casa e por isso, os estudantes dependem das ofertas da Universidade. Mas, é preciso ter alimentos de boa qualidade e opções que possam servir a todos os estudantes, professores e funcionários que frequentam o campus. Dentro da Universidade Federal da Bahia (UFBA) existem estabelecimentos particulares, profissionais liberais, além do Restaurante Universitário (RU) para tentar suprir essa demanda. Há, porém, dificuldade para adotar uma alimentação saudável, seja por falta de ofertas, pelo custo alto dos lanches naturais ou pelo próprio hábito de se alimentar mal.

Segundo Alan Passos, aluno do curso de História da UFBA, os lanches servidos pelas cantinas não são saudáveis e não há opções. “Tenho que comer aqui porque não tenho tempo para passar em casa”, completa Passos. Já para o estudante de Biologia Walter Costa, por ter um preço acessível, o RU é vantajoso pela quantidade, não pela qualidade. “Deveria haver uma cantina da UFBA e uma particular do instituto”, sugere.

As cantinas são regidas através de normas de funcionamento elaboradas pela UFBA e que devem

passar por licitação para contratação. De acordo com Edson Ribeiro, responsável pela cantina do Instituto de Biologia, no termo de referência da licitação exige-se variedade de pratos, mas não há um órgão que supervise a qualidade do cardápio. O preço deve ser abaixo do valor de mercado, determinado pelos custos operacionais. Ou seja, o que se gasta para a produção dos alimentos. “O produto deve ter qualidade e deve atender as normas que a Universidade impõe”, pontua Edson.

**Tia Del**

Para Edelzuita Oliveira, conhecida como Tia Del, responsável pela cantina da Faculdade de Comunicação (Facom), os produtos mais populares, como coxinha, pastel ou pãozinho devem custar 10% a menos do que é cobrado nos estabelecimentos externos. Já o preço do almoço é definido pela própria direção da cantina.

Além dos estabelecimentos regulamentados pela UFBA, existem no campus vendedores de lanches a preço mais em conta e com as mesmas opções oferecidas pelas cantinas. Walter Pereira, o popular Chumbinho, que fica com seu isopor forrado com papel alumínio no corredor entre o Institu-

to de Letras e a Biblioteca Central, afirma que vende em média 150 salgados por dia. Confessa que se instalou no campus devido à amizade com os alunos, após trabalhar cinco anos na cantina do Instituto de Geologia. “Mas posso ser expulso a qual-

quer momento”, desabafa. Até o momento não existe nenhuma regulamentação sobre esse tipo de serviço. “Prefiro comprar com Chumbinho porque é mais barato. Ele é legal e não vejo diferença entre seu lanche e os das outras cantinas”, relata Marina Vieira, estudante do Bacharelado Interdisciplinar (BI) de Artes da UFBA.

Apesar ter uma Escola de Nutrição na UFBA, não há interação

entre os estudantes do curso com o que é servido nas cantinas. Quando questionada, a coordenadora do curso, Rosemary Fonseca, afirma que há um acompanhamento do que é servido no RU, mas não há nenhuma avaliação das cantinas. Justifica a falta de atuação da Escola por conta das demandas com o ensino, extensão e pesquisa. Mesmo assim afirma: “Existe muita vontade de fazer isso”.

Ficaborerumet  
ut facest, am  
volorae sit officae  
rerumque solupicid  
et volenihici a andi  
omniatioriam verro  
tota cus voluptaquis  
et eaquibus et vellaboria  
perupta nam id  
quatem res ut omnihil  
luptior rovitern fuga.  
Aborio.

# JORNAL DA FACOM

Abril 2012

Jornal Laboratório da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia  
Rua Barão de Geremoabo s/n, Campus de Ondina  
CEP 40.170-115 Salvador - Bahia - Brasil

# Estudantes cobram mais atenção da UFBA para as residências universitárias

Edvan Lessa  
Guilherme Alves

“Eu passei no vestibular, e agora?”. Esse questionamento já passou pela cabeça de muitos dos 290 bolsistas que atualmente residem em moradias concedidas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Estudantes cujos pais ou responsáveis não residem em Salvador ou para aqueles que apresentam vulnerabilidade social e econômica têm direito de morar nessas estadias por tempo determinado. Porém, para comprovar que se adequa ao perfil solicitado, muitos alunos têm que encarar a burocracia e demora das análises de documentos previstas pelos editais emitidos todo semestre pela Pró-Reitoria de Ações Afirmativas e Assistência Estudantil (PROAE). E, após a divulgação do resultado, os selecionados devem buscar moradia por conta própria enquanto aguardam o período de até um mês para o surgimento de uma vaga.

## Problemas e falta de apoio

Existem quatro residências ativas: Residência 1, situada no Corredor da Vitória; Residência 2, no Largo da Vitória; Residência 3, divida entre Ladeira da Bar-

ra e Graça (que abrigam os estudantes da antiga residência do Vale do Canela) e Residência 4, também na Graça. As três últimas são espaços alugados pela Universidade, mas funcionam como hospedagens fixas para os bolsistas.

Assim que os estudantes passam a morar nas residências, se deparam com problemas na estrutura física, muito antiga, e na divisão dos espaços, que torna os ambientes superlotados. “Às vezes sentimos que, simplesmente, nos jogam dentro de uma casa e nos esquecem”, lamenta Saulo Novaes, estudante do curso de Direito.

A falta de inspetores atuantes para registrar as demandas e fornecer assistência aos estudantes faz com que eles criem comissões internas - como nas residências 1 e 2 - para cuidar de aspectos que vão desde a execução dos serviços de limpeza até pequenos reparos no ambiente físico. Os residentes do Corredor da Vitória também or-

ganizam, anualmente, o Forró Caseiro, evento que, além do cunho cultural, serve para arrecadar dinheiro e suprir algumas necessidades coletivas. Papel que deveria ser cumprido pela PROAE, segundo Rafael Borges, estudante de Educação Física e residente há três anos. O bolsista afirma que com o dinheiro arrecadado já foram comprados diversos objetos de uso doméstico.

Luiz Rogério Bastos Leal, vice-reitor da UFBA, argumenta que “as residências universitárias da Vitória são casarões antigos que não foram pensados para serem residências, e, portanto, jamais terão as condições plenas de funcionamento”. Ele afirma desconhecer, pelo menos de maneira oficial, as demandas apontadas pelos estudantes. Contudo, garante que “a Universidade vai construir uma nova residência universitária, no bairro da Graça, para dar mais apoio aos estudantes”. Afirma que já há um arquiteto encarregado pelo projeto.

## Uma nova residência

A única moradia realmente planejada para abrigar os estudantes é a que está situada na Avenida Garibaldi, batizada de Frederico Perez, homenagem saudosa ao estudante que militou a favor dessa construção, falecido em janeiro deste ano. Esse novo espaço, para o qual serão destinados os estudantes da Residência 5, abrigará 200 pessoas que serão distribuídas em 50 apartamentos. O prazo para a entrega do prédio vem sendo adiado há pelo menos um ano e meio e um dos motivos é que a Superintendência de Controle e Ordenamento do Uso do Solo (Sucom) ainda não autorizou a habitação devido à falta de ajustes nos itens de segurança do prédio.

Os diversos encontros entre o Pró-Reitor de Ações Afirmativas e Assistência Estudantil, Dirceu Martins, e os estudantes que serão contemplados com a estadia na Residência da Garibaldi, culminaram na determinação de um novo prazo. De acordo com o responsável pela Coordenação de Manutenção (Prefeitura do Campus), Kleber Oliveira, alguns dos ajustes discutidos nas reuniões realizadas no início de abril já foram feitos e a previsão é que, ao liberar o documento da Sucom, os estudantes possam residir normalmente.

A expectativa é que não haja mais descumprimento nos prazos, pois, segundo Ricardo Pinheiro, estudante de História e representante da Residência 5, “o primeiro prazo dado foi abril de 2009, depois, agosto de 2010, março de 2011, dezembro de 2011, março de 2012 e, agora, abril de 2012”. O Vice-Reitor Luiz Rogério, promete: “Até o final de abril todos estarão morando na residência”.

“Até final de Abril todos estarão morando na nova residência”



Henrique Duarte | LabFoto



Ficaborerumetaaaa  
ut facest, amaaaaa  
volorae sit officaaa  
rerumque solupicida  
aet volenihici a andai  
omniatoriam verroa  
tota cus voluptaquis  
et eaquibus etaaaa  
aaaaaaaavellaboria  
perupta namaaaaa  
iaaaaad quatem res  
ut omnihil luptioaaar  
rovitem.aaaaaaaa

# A Faculdade de Direito em prol dos seus direitos

## Mobilização de alunos impulsiona reforma

Lara Maiato

Reforma interrompida, banheiros inutilizáveis, falta de água, fiações elétricas aparentes, licitações vencidas, desatualização do acervo da biblioteca. Esses foram alguns dos fatores que levaram os estudantes da Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia (UFBA) a se mobilizarem para formar a FDUFBA Movimenta, ação responsável pela greve que se iniciou no dia 19 de março e durou nove dias. Luã Lessa, um dos líderes do movimento, falou sobre o processo de mobilização e como está a situação na faculdade atualmente.

### Como surgiu a ideia de mobilizar os alunos para fazer a greve?

Por estudar em uma Universidade federal, financiada por milhões de trabalhadores brasileiros, necessitamos manter atenção ainda maior para os problemas que afligem a instituição. Vivemos por muitos anos debaixo de um comodismo disfarçado da esperança de que as coisas iam melhorar. Porém, há um longo período, a Faculdade de Direito da UFBA vem passando por grandes problemas estruturais e acadêmicos. Os estudantes, desde 2010,

intensificaram a cobrança pelas vias administrativa e judicial, através de representações no Ministério Público Federal, com o objetivo de solicitar a investigação das irregularidades existentes na unidade. No entanto, não tínhamos conquistado mudanças significativas, por isso, optamos pela paralisação.

### Como você avalia a repercussão do movimento nos meios de comunicação?

Embora os veículos de comunicação, de modo geral, tenham apresentado uma visão adequada so-

“

Com a força estudantil ainda é possível conquistar mudanças. Estamos unidos em busca de um propósito comum, que vai além das barreiras ideológicas, de gênero, etárias e sociais

bre as intenções do movimento, a maioria deles tentava sempre vincular a deflagração da paralisação com o trote, algo que ficou distorcido fora dos muros da faculdade. Não paramos porque o trote foi “proibido”, mas pela decepção dos alunos perante à Congregação [órgão administrativo máximo da Faculdade de Direito composto por docentes, técnico-administrativos e representantes estudantis]. Afinal, ao invés de se ater a questões mais relevantes e preocupantes – como a falta de transparência das verbas, de posicionamento so-



Lara Maiato | LabFoto

Ficaborerumetaaaa ut facest, amaaaaa volorae sit officaeaa rerumque solupicida aet volenihici a andai omniatioriam verroa tota cus voluptaquis et eaquibus etaaaaa aaaaaaaavellaboria perupta namaaaaaa iaaaaaad quatem res ut omnihil luptioaar rovittem.aaaaaaaaa

Ficaborerumet ut facest, am volorae sit officae rerumque solupicid et volenihici a andi omniatioriam verro tota cus voluptaquis et eaquibus et vellaboria. Lore dolorio et ulles plitamenti dolores citio. Ulluptaestet providel estiandipid quaspit aquodisciet aut rehent volorporum quossit denda comnimp orruptas as aut odis evelit vendant, unti te essitae quas maio. Cum et latur, con et magnis con nem quissequam, to quias aut optatenet res ma audam et isi que et aut perat es aut la vit et aut as adia quaectecte ommolor epernati inisimi nicipunt.

bre a reforma da faculdade, parada desde meados de 2011, de controle da assiduidade e comprometimento dos docentes, de criação de um plano de segurança, de um projeto de acessibilidade para os deficientes e a revitalização da biblioteca – a Congregação se preocupava com a proibição do trote.

### Dos acordos estabelecidos, o que foi efetivado desde o início da greve até hoje?

A UFBA afirmou que os pedidos dos processos licitatórios que envolvem a reforma seriam enviados até o dia 9 de abril para a Procuradoria Jurídica e essa promessa foi cumprida. Com o parecer deles, o edital poderá ser publicado. O processo licitatório dos serviços de reprografia, cantina e livraria também já foram iniciados. Além disso, algumas mudanças já ocorreram, como a adequação dos banheiros, pois muitos não possuíam portas, trancas, sabão e até mesmo papel higiênico. Além da contratação de novos funcionários para a limpeza da faculdade. Também foi estabelecida a criação de comissões internas de fiscalização a fim de acompanhar as questões debatidas durante a paralisação.

### Qual é o saldo dessa ação estudantil?

O FDUFBA Movimenta serviu como um estímulo para os estudantes da Faculdade de Direito. Vimos que com a força estudantil ainda é possível conquistar mudanças significativas. E acima de tudo, constatamos que estamos unidos em busca de um propósito comum, que vai além das barreiras ideológicas, de gênero, etárias e sociais.



Lara Maiato | LabFoto



# Hospital Veterinário da UFBA enfrenta falta de infraestrutura e orçamento limitado

Instituição atende grandes animais e também, bichos de estimação

O atendimento da clínica veterinária funciona de segunda a sexta, das 7h30 às 17h. O valor da consulta é de R\$ 25. Funcionários públicos e estudantes têm direito a descontos de 10% a 20%. Além de consultas, também são atendidos casos de emergência.

## Luana Amaral

Quando dona Antônia, 71, levou Painho, de oito meses, para cuidar de uma irritação nos olhos, não pensou que voltaria para casa frustrada. Ela pegou um ônibus da Federação, onde mora, e chegou ao Hospital Veterinário da Universidade Federal da Bahia (UFBA) por volta das 10h, mas não pôde ser atendida. O número de fichas para atendimento é limitado e a distribuição das senhas começa às 7h da manhã.

Isso porque a situação do Hospital não é das melhores. O espaço apresenta problemas estruturais que comprometem o atendimento dos animais, assim como as atividades acadêmicas desenvolvidas pelos alunos da Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia. “É quase impossível manter a infraestrutura do hospital com aproximadamente R\$ 2 mil por mês. Funcionamos dentro do possível”, afirma o professor Carlos Humberto Ribeiro Filho, diretor do Hospital. Vinculado à Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia, a principal fonte de verbas da instituição vem da Universidade. Outros recursos são provenientes da arrecadação com consultas e eventuais doações. Os custos principais se referem aos materiais de limpeza e de laboratório, das aulas práticas, da compra de ra-

“  
Problemas com infraestrutura e espaço físico competem com o orçamento limitado.  
Carlos Humberto Ribeiro Filho, diretor do Hospital Veterinário da UFBA

”

ção, capim e feno para alimentar os bichos ali hospedados e do transporte desses materiais. O hospital, que se encontra no mesmo prédio desde sua fundação, há mais de 60 anos, precisa de novas salas, laboratórios e mais espaço para o atendimento da clínica veterinária, que funciona de segunda a sexta e atende cerca de 20 animais por dia.

## Reforma

O Hospital Veterinário passa atualmente por uma reforma avaliada em R\$ 1,2 milhão. Atualmente, está sendo construído um novo prédio para o laboratório de patologia e alguns ambulatórios vêm sendo reformados. Porém, segundo o professor Carlos Humberto, a obra não será suficiente para sanar todos os problemas do Hospital. “A reforma melhora um pouco. Mas, essas ações não são suficientes para atender a demanda. É preciso aumentar o espaço. A área do hospital é a mesma desde a sua criação”.

## Atendimento

O Hospital é a única instituição pública para tratamento dos animais de estimação em Salvador. “Geralmente a procura acontece por pessoas de baixa renda, que muitas vezes sacri-



Volestis perferio endae porepe nesentia nonem et fugit laccum rerumquatam eosamenis dolupta vention seritem a con coritibus, ipitatenis reptatemp ex est ad maxim nullaut emporibust parchic temquia soluptatur? Erovid quat labo. Sed quis aut eos simusdae occupatam quiduci pitatquossit es dit, cuptio eaquostem corehent quiaeri taerumque sandis eos essimaio. Estis esecta de se eum aperepro ipiciditiaspel ist,Sedibus.



ficam o seu orçamento para tratar o animal”, esclarece Carlos Humberto. Pessoas de outras cidades também costumam levar seus bichinhos para serem tratados na UFBA. Maria Almeida trouxe a pastor alemão Brisa do bairro de Monte Gordo para o Hospital. A cadela tem leishmaniose, doença que é objeto de pesquisa por alguns docentes. “Eu tenho Brisa como uma filha e ficaria arrasada se ela precisasse ser sacrificada”, declarou Maria Aparecida.

Animais de grande porte e vítimas de maus-tratos também são cuidados pelo Hospital. Como é o caso do cavalo de rua batizado de Chiquinho pela estudante Marjorie Correia, que o resgatou. Ele foi encontrado no bairro de Periperi, e, segundo moradores do bairro, por ter pertencido a um traficante da região, o cavalo recebia maus-tratos por parte de integrantes de facções rivais. Chiquinho apanhou de facão, teve os dois olhos perfurados e recebia pedradas. Ele será submetido a diversos exames, receberá tratamento e depois será adotado por Marjorie.



Luana Amaral | LabFoto



“  
A cadela Brisa é como uma filha.  
Maria Almeida

”

## OPINIÃO

por André Setaro

professor da Faculdade de Comunicação /UFBA

### De um jornalismo que o vento levou

Para quem conheceu, como eu, as antigas redações dos jornais, e nunca mais se aventurou nelas, toma um susto quando, por acaso, faz, nos dias de hoje, uma visita a uma delas. Se antes, tínhamos o barulho das máquinas de escrever, o do papel sendo retirado com estrépito, rasgado, jogado na cesta do lixo, os pedidos, em alto e bom som, para o arquivo de fotografias, entre outros elementos constitutivos do “vozerio redacional”, hoje reina um silêncio hospitalar, com os computadores enfileirados e os jornalistas calados, frente a eles, digitando suas matérias. Alguns preferem passar o tempo no Facebook e no MSN e já vi gente a trocar abobrinhas em mensagens de um computador a outro. E havia, além do mais, o ambiente esfumaçado num tempo em que quase todo mundo que se respeitasse fumava seu cigarro. As bagas deste entupiam os cinzeiros, que eram inúmeros, praticamente um sobre cada mesa.

O “jornalismo como cachaça”, como se dizia, parece que desapareceu, e, em seu lugar, um pragmatismo mais objetivo, a técnica jornalística a ter preponderância sobre a reportagem passional, febril, que alimentava repórteres e redatores como David Nasser, Nelson Rodrigues, Otto Lara Resende, entre tantos outros. O jornalista da chamada contemporaneidade é um jornalista da objetividade sem os impulsos da emoção. E, em consequência, um mero funcionário da empresa que lhe contrata.

Os tempos mudaram, esta a verdade. O romantismo que havia nas antigas redações se transformou no realismo requerido pela sociedade contemporânea. Não há lugar mais para matérias apaixonadas, para reportagens passionais, não há mais espaço para o delírio. O desafio, agora, é ser criativo diante de tantas amarras que determinam a ditadura da objetividade. Mas, com isso, não quero dizer que não se deva ser objetivo. É que a pulsação, a remeter à nostalgia do que era antes, faz que ponha, aqui diante do papel, a grande mudança efetuada. E de água para vinho. De vinho para água.

# As virtudes da preguiça

## Em conversação com Joao Carlos Salles, o filósofo propõe revisar a noção de que preguiça é pecado.

Lara Perl  
Fabrina Macedo  
Fábio Arcanjo

Muito trabalhador e preguiçoso não só nas horas vagas, João Carlos Salles é filósofo, professor e diretor da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia (UFBA). “A virtude da lentidão”, sua palestra no ciclo Mutações – Um Elogio à Preguiça\* busca desvendar a grande armadilha em que caímos ao nos deparar com a noção de tempo em uma sociedade que tem a rapidez e o progresso como valores norteadores. Baseado na concepção do filósofo Wittgenstein sobre o tempo, o professor busca o sentido da nossa correria e compara a tarefa a um “desatar de nós”. Um trabalho filosófico que demanda tempo, assim como a busca pela criatividade, o saber intelectual e o sentido da vida.

\*Mutações – Um Elogio à Preguiça é um ciclo de palestras promovido em todo Brasil pelo Sesc São Paulo e organizada em Salvador durante março e abril pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA e pela Secretaria de Cultura da Bahia.

**Existe na nossa sociedade um conceito negativo de preguiça e tempo livre. Qual a origem desse estereótipo?**

É de interesse de uma sociedade que explora as pessoas fazer com que elas fiquem satisfeitas em trabalhar mais e condenar negativamente quem trabalha menos, supostamente. Só que há uma diferença: o problema não é uma questão de ser relapso ou de não desejar trabalhar. O problema é qual a natureza, qual o controle que cada um tem sobre o seu trabalho.

**Mas como filósofo e professor, qual a sua concepção de trabalho e ócio?**

Eu trabalho muito. O professor universitário está o tempo todo trabalhando, em casa está lendo, elaborando seus textos, nos finais de semana também. E quando você escolhe a filosofia, é porque você já tem certa paixão pelo pensamento, pelos livros e pelo universo do trabalho. Então, digamos que não só o filósofo, mas todo aquele se apaixona pelo seu trabalho, nesse sentido, consegue aproximar trabalho e ócio criativo. O trabalho deixa de ser aquilo que é desprazer, alienante, sacrifício e passa a ser uma realização.

**Wittgenstein é um dos principais filósofos do início do século passado e já nessa época ele falava sobre os conflitos do tempo. Por que escolheu justamente a visão deste filósofo para estudar a preguiça?**

Ele não usa o termo preguiça, ele pensa no tempo. A lentidão é uma das imagens associada à preguiça, por oposição ao progresso, à rapidez e ao resultado, típicos da ciência, que visa uma resposta precisa. Isso faz com que a obra dele seja especialmente propícia para refletir sobre esse valor contrário ao valor da ciência. Eu quis questionar através da obra dele, o que é próprio do fazer filosófico. A filosofia é esse pensar do sentido das coisas e por isso, não coincide com as respostas que a ciência pretende dar. É como se a filosofia, ao invés de perguntar o que as coisas são, perguntasse o que elas podem ser. Essa pergunta da filosofia não tem a ver com fatos e resultados, mas

“  
É preciso dar-se o tempo para fazer bem feito  
”

com valores e premissas.

**Fale um pouco sobre a vida de Wittgenstein, contextualizando a obra.**

Wittgenstein foi um grande filósofo, que nasceu no final do século XIX e teve uma história de vida muito rica e interessante, até um pouco anedótica. Filho de um grande milionário, uma das pessoas mais ricas da Áustria, ele teve uma visão bastante cética da existência. Antes de morrer, no entanto, reconheceu que sua vida foi maravilhosa. Eu diria que ele era autêntico, não gostava da superficialidade do capitalismo e da riqueza, mas buscava uma vida na qual ele se dedicasse a fazer o que valia a pena ser feito. Por exemplo, ele renunciou à herança, foi ser jardineiro e professor primário em escolas. É alguém que tenta conciliar essas tarefas às questões mais elevadas do seu trabalho filosófico.

**Seria possível um diálogo entre o progresso da ciência e os momentos de reflexão propostos pela filosofia?**

Sim, nós somos obrigados a fazer esse diálogo, não podemos viver em outro tempo. Por exemplo, eu digitei o texto da minha apresentação no computador. Enquanto isso, estava abrindo meu e-mail, fazendo várias coisas ao mesmo tempo, com atenção dispersa. A gente tem que fazer isso negociando com o nosso tempo. O problema é saber se essa adequação, que é a negação do ócio, nos anula ou não.

**Sabemos que o baiano é caracterizado lá fora por uma visão estereotipada de preguiçoso, lento, que se deixa levar. Em sua opinião, o baiano é mesmo assim?**

Muito pelo contrário, o baiano trabalha demais. Mas, a realidade dele se refere a um trabalho de exploração, de sacrifício, sujeito a salários baixos, insegurança, desemprego, rendimento inadequado e nem sempre há condições para crescer e se realizar. É bom lembrar que a imagem do baiano preguiçoso ajuda a vender a Bahia para o turismo, como se fosse um lugar idílico, em que você pode descansar, onde as coisas são lentas. Isso contribui para formar uma imagem negativa da preguiça, uma imagem de exploração da cultura baiana, que é reduzida a estereótipos distantes da realidade. Essa visão do preguiçoso é utilizada como marketing. Ao mesmo tempo é danosa, quando a Bahia, por exemplo, precisa se afirmar intelectualmente. Observem que eu fui o único baiano desse ciclo de palestras, acho que eles precisavam de um especialista (risos).

**Muitas vezes o trabalho intelectual é visto de forma negativa, associado ao ócio. Isso se deve à maneira como o intelectual encara o tempo?**

O trabalho intelectual não é superior ao trabalho manual, mas é um trabalho que pode propiciar um aprofundamento maior na vida. O trabalhador intelectual é aquela pessoa que sonha ser o senhor da sua reflexão. O trabalho intelectual tem medidas severas de produção e qualidade, e por isso não



Renato Alban | LabFoto

pode ser feito na pressa, não é algo que dê simplesmente um resultado técnico, prático. É preciso dar-se o tempo para fazer bem feito.

**Wittgenstein compara o trabalho filosófico a um exercício de desatar nós. Como é possível desatar os nós do nosso cotidiano e encontrar essa busca pelo sentido proposta por ele?**

É difícil. São momentos de reflexão, de fazer aquilo que é próprio da filosofia. Em certa medida, é estar atento ao uso dos nossos argumentos, das nossas palavras e ações. Estar atento é começar a perceber que há nós. Isso já é um bom começo.



Tius entis ditat prorro toritae il expliquas cuscips andiatempel eatiost, se nis a ate modi quasit asperum que volupta ad magnamus dolest lamus modi beatur? Quia num ipsapie ndelese ditatietat quuntet aperit provide plab id quat ilit as

## OPINIÃO

por Maurício Tavares

professor da Faculdade de Comunicação /UFBA

### Delirium studantis

Na época da matrícula umas alunas vieram me perguntar (estava substituindo o diretor) porque não tinham conseguido umas matérias. Elas entraram por vagas residuais (uma das muitas brechas que os alunos conseguem quando não conseguem entrar pelas vias normais) e insistiam em ter os mesmos direitos dos que tinham entrado através do vestibular. Tentei dar minha explicação mas uma delas, com o famoso delírio de grandeza que acomete alguns alunos, começou a me questionar como se fosse um empregadinho dela. “Como assim!”, ela esbravejou. Foi o suficiente para que meus pequenos demônios, que odeiam gente boçal, arrogante (ainda mais quando não tem motivo para tal) despertassem, e começasse a tratá-la com uma certa dureza. Como o mundo é irônico e adora pregar pincinhas, meses depois ela precisou de minha assinatura em um papel que, se fosse seguir a lei em sua estreiteza, poderia não ter assinado. Mas ser magnânimo (atenção, não é magnífico!) não tem preço. O resto, o cartão American Express Platinum paga.

Fico me perguntando o que é que diabos põem na comida dos adolescentes que eles entram numa egotrip que na maioria das vezes, ao contrário do que aconteceu com uma ex-aluna que também teve um surto de arrogância na matrícula mas hoje além de jornalista de talento é um doce de pessoa, pode acabar bem mal. Por isso deixo aqui um conselho de tio mais maduro e experiente; “Cuida do com a Cuca que a Cuca te pega...”

O título da coluna é uma tentativa canhestra (se fosse estudante diria tosca) de parodiar o delirium tremens em que os alcoólatras chegam a confundir ratos com coelhos. No caso dos alunos o delirium studantis é um delírio de autopercepção mas bastante semelhante ao do pessoal que “costumar comer muita água”.

# Cobras e lagartos

## Instituto de Biologia pesquisa e cataloga espécies do Nordeste

Júlia Belas  
Luiz Fernando Teixeira

Muita gente tem medo de cobras, escorpiões e aranhas. Mesmo que eles estejam bem longe, o sangue gela e a pessoa fica nervosa. Mudar a ideia equivocada de que esses animais irão atacar qualquer pessoa sem razão é uma das principais missões do Núcleo Regional de Ofiologia e Animais Peçonhentos da Bahia (NOAP), que tem sede no Instituto de Biologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Fundado há 25 anos, o NOAP conta com diversos projetos voltados para a educação das pessoas com relação ao tratamento dos animais, além de catalogar as diversas espécies que existem no Estado. Em 1992, o Ministério da Saúde considerou o Núcleo como uma das referências para o Nordeste em estudos de Ofiologia.

Segundo a professora Rejane Lira, coordenadora do Núcleo, as pesquisas com serpentes, aranhas, escorpiões e lagartos são focadas no estudo da biologia, distribuição geográfica, veneno e os acidentes causados por eles. “Muitas pessoas têm medo, horror ou nojo de cobras, aranhas, escorpiões”, diz a professora. Esse comportamento, segundo ela, vem da educação. A partir do momento em que se traça a linha que separa os animais úteis dos nocivos, uma ideia errada sobre os animais peçonhentos é formada. E isso é reforçado em filmes como Anaconda, Serpentes a Bordo e Aracnofobia. “A peçonha é uma estratégia de defesa das serpentes. Elas se escondem para se defender, não para atacar”, afirma Rejane. Por isso, esse temor, na maioria das vezes, é infundado.

Os membros do NOAP aprendem a cuidar dos animais em cativeiro. Além disso, extraem venenos dos animais para dar suporte às pesquisas e sustentam um banco de venenos. Eles também dão palestras e montam exposições em escolas da capital e do interior. Para esse tipo de atividade, há dificuldades com o transporte dos animais, que precisam de recipientes e veículos adequados, para não ficarem agitados. Marcel Queiroz, aluno do 6º semestre de Biologia, afirma que “além do conhecimento sobre serpentes e venenos, esse estudo é uma porta de entrada para o mundo dos animais silvestres”.

O trabalho do Núcleo é reconhecido nacionalmente. Segundo Marcel, os pesquisadores migram para importantes institutos, como o Butantan (em São Paulo) e o Vital Brazil (no Rio de Janeiro). Viajam até mesmo para fora do País. David de Moraes, estudante de Veterinária e também estagiário do Núcleo, diz que entre os aspirantes a veterinários há pouco interesse nessa área de estudo. Por isso, foi buscar esse conhecimento fora da faculdade de Veterinária.

### Projeto Biota Bahia

As espécies chegam até o Núcleo de duas maneiras: pela coleta em campo e por doações de pessoas que encontram e capturam esses animais. Esse trabalho de coleta e catalogação resultou no projeto “Biota Bahia”, conjunto de material didático e literatura de referência sobre a fauna do Estado, com grande importância para a saúde pública. Fazem parte desse acervo ▶

“  
Medo de cobra, aranha e escorpião mostra falhas na nossa educação  
Rejane Lira  
”



Patrick Silva / LabFoto

Ficaborerumet ut facest, am volorae sit officae rerumque solupicid et volenihici a andi omniatoriam verro tota cus voluptaquis et eaquibus et vellaboria perupta nam id quatem res ut omnihil luptior rovitern.



aaaaaFicaborerumet aat  
aaaaafacest, am volorae aaasit  
officæa rerumque solupicid  
et. Igniatum sum fugite saperchil  
inverum qui am, simpell essunt.  
Ficipitaquo volessit venda qui con  
consequæ quæe  
suntem



Estátua de João Bocó,  
am volorae sit officæ  
rerumque solupicid  
et volenihici a andi  
omniatioriam verro  
tota cus voluptaquis et  
eaquibus et v.

“  
Precisaríamos de um Museu  
Rejane Lira

as publicações “Escorpiões e Aranhas da Bahia, Brasil”, “Répteis da Bahia, Brasil” e “Serpentes de Importância Médica do Nordeste do Brasil”, e o livro “ZooAmigos”, voltado para o público infanto-juvenil (todos editados pela EDUFBA). Ainda foi elaborada uma série de quatro vídeos sobre aranhas, escorpiões, serpentes e lagartos, intitulada “Animais da Bahia”. O trabalho do Biota Bahia está disponível no site [www.noap.ufba.br/biotabahia](http://www.noap.ufba.br/biotabahia).

**Sufoco**

Como uma instituição pública, o NOAP passa por dificuldades. O Núcleo fica confinado em salas apertadas no segundo andar do Instituto de Biologia, que não tem estrutura para abrigar todos os espécimes que são estudados. Isso também atrapalha a exibição dos animais, como relata Rejane: “Não temos espaço para visitação e por isso, fazemos exposições itinerantes. Para isso, precisaríamos de um museu”. O Núcleo está à espera de uma reforma no serpentiário e por isso, as serpentes ainda estão em local temporário.

O NOAP foi criado em 1987 pela professora Tania Brazil e três estudantes, dentre eles a atual coordenadora, Rejane Lira. Neta do pesquisador Vital Brazil, um dos pioneiros no estudo de ofidismo na Bahia, primeiro diretor do Instituto Butantan e fundador do Instituto Vital Brazil, ambos especialistas em animais peçonhentos, Tania conseguiu parcerias com esses dois Institutos, mantidas até hoje.

# Revistas: o poder da informação ilustrada

Ao completar 200 anos, as revistas brasileiras contradizem as profecias e se reinventam para continuarem no mercado

Alles Alves  
Thais Motta

Nascia, em 1812, uma baiana cheia de conteúdo e influências internacionais, responsável por transmitir conhecimento, cultura e entretenimento ao País. Seu pai era um preso político português de vasta cultura, com acesso a informações oficiais e contatos influentes fora das grades. De dentro de uma cela na Bahia, foi redigida a primeira revista brasileira, chamada *As Variedades*. Hoje, 200 anos depois, as revistas comemoram a capacidade de se adaptar à era digital.

No Brasil, de acordo com a Associação Nacional de Editores de Revistas (ANER), existem, atualmente, 4.705 títulos em circulação. Entre 2009 e 2010, o número de títulos cresceu 10%. Estes dados contradizem as profecias de que, com a chegada das revistas digitais e com a ascensão das redes sociais, as revistas morreriam. Apesar de ser a terceira maior mídia do mundo em faturamento, a internet não desbancou a venda de revistas no país. Com a criação dos tablets, se configuram as plataformas de acesso a publicações digitais, mas segundo o Instituto Verificador de Circulação (IVC), esses meios ainda não influenciaram na circulação das revistas impressas.

**Pílulas de informação**

Com o surgimento de diversas plataformas de criação e distribuição de conteúdo, a estratégia de negócio das editoras é modificada. Não basta mais produzir só revistas. Este produto é apenas um dos meios utilizados para gerar lucro e informação. É preciso, também, atuar em plataformas complementares como sites, blogs, páginas e perfis nas redes sociais. “As redes que conectam tablets, iPhones e redes sociais são pílulas de informação”, afirma Nadja Vladi, editora da revista Muito, segunda maior em circulação na Bahia.

**Adaptar-se para sobreviver**

Para sobreviver no mercado, as revistas precisaram se adaptar não só às novas tecnologias, como à segmentação acelerada que estava ocorrendo a partir dos anos 50. “A segmentação é a saída para a sobrevivência, já que se buscam públicos específicos”, declara o professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Sérgio Mattos.

Ao definir um público-alvo mais específico, as tiragens menores podem ser compensadas com a maior facilidade de conquistar anunciantes. Hoje há revistas para todos os gostos e públicos. Desde

publicações sobre assuntos técnicos como parafusos, a produções customizadas, como Audi Magazine ou Revista da Hope.

A previsão para o futuro é de que até 2020 devam surgir mais de 200 títulos no Brasil. Com o aumento do poder de consumo das classes C e D há mais procura por revistas, o que tornam necessárias pesquisas para conhecer quais conteúdos e tendências devem ser seguidas. “O crescimento das revistas, e mesmo dos jornais, se dá nas classes populares”, afirma Roberto Muyalaert, presidente da ANER. “Quando você consegue vender por um preço muito baixo, tem uma categoria emergente que compra. Os jornais de maior circulação no Brasil são os que custam R\$0,50. Com revista é a mesma coisa: quando você diminui o valor, aumentam as vendas”, finaliza.

Internet não desbancou a venda de revistas no Brasil

Leitura de revistas cresce entre as classes populares





# Nossa religiosidade, nossa história

Administrado pela UFBA, o Museu de Arte Sacra da Bahia recebe a visita de poucos baianos e muitos turistas

Caroline Prado

Um casarão antigo, cercado por vasta vegetação, com uma vista inspiradora para a Baía de Todos os Santos. Em seu interior, toda a espiritualidade de obras que resistiram aos séculos e contam a história da nossa religiosidade. Esse é o Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia (MAS – UFBA). Um lugar mágico, ainda pouco frequentado pelos baianos e, principalmente, por estudantes que, muitas vezes, nem sabem que o museu é administrado pela Universidade.

O MAS nasceu em 1959 quando o então reitor da UFBA, professor Edgar Santos, em parceria com a Arquidiocese de Salvador, criou o museu com o propósito de preservar a arte sacra luso-brasileira. Antes disso, no século XVII, no mesmo casarão, localizado no centro histórico da cidade, funcionava o antigo Convento de Santa Tereza D'Ávila, construído entre 1667 e 1676, por iniciativa de seis monges portugueses que viajavam com destino a Angola e permaneceram em Salvador durante alguns meses.

Hoje, o Museu de Arte Sacra da UFBA é um dos mais importantes museus do gênero nas Américas, não só pelo seu precioso acervo, mas também por sua bela arquitetura seiscentista. O local foi tombado, em 1938, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e nomeado patrimônio da humanidade pela UNESCO em 1985.

## Baianos quase não visitam

Mesmo com tanta história, o local recebe poucas visitas de baianos. “São os turistas quem mais se interessam pelo Museu”, afirma Francisco Portugal, diretor do MAS. “Os baianos estão perdendo uma grande oportunidade de conhecer um pouco mais sobre sua própria cultura”, lamenta. Além do acervo para visitação, existe um setor educativo para alunos de instituições de ensino fundamental, médio e superior para conhecer e apreciar a arte sacra brasileira e portuguesa.

## Acervo

O museu possui um acervo com cerca de 5 mil peças, entre esculturas, azulejaria, pinturas, móveis, joias e outros tipos de obras. Para Portugal, cada obra possui sua própria história e representação particular e, por isso, não há hierarquias: todas são fundamentais. Entre as mais antigas, têm uma imagem de Nossa Senhora do século XVII, esculpida por Frei Agostinho da Piedade, artista e monge português, e uma imagem de Nossa Senhora de



Estátua de João Bocó, am volorae sit officae rerumque solupicid et volenihici a andi omniatioriam verro tota cus voluptaquis et eaquibus et v.



“

A arte sacra faz parte da nossa história. É marca e referência do nosso povo.

*Francisco Portugal, diretor do MAS*

Guadalupe, do século XVI, com revestimento em prata.

“A arte sacra representa o berço da produção artística brasileira”. A frase de Eduardo Etzel, pesquisador sobre o imaginário popular brasileiro e autor de livros sobre a arte religiosa no Brasil, define bem a importância desse tipo de obra. “Aqui,

onde religiosidade e cultura quase se confundem, esse aspecto é ainda mais forte. A arte sacra faz parte da nossa história. É marca e referência do nosso povo”, afirma o diretor do Museu.

Para quem ainda não visitou, fica o convite. O belo casarão está localizado no bairro Dois de Julho. Conhecer um pouco mais sobre nossa cultura é conhecer mais sobre si mesmo. Francisco Portugal completa: “O MAS está de portas abertas para receber gente de todas as culturas, crenças e religiões”.